

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A NECRÓPOLE MEDIEVAL/MODERNO DE ARRUDA DOS VINHOS

Nathalie Antunes-Ferreira / Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde e CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia / natantfer@gmail.com

Guilherme Cardoso / Assembleia Distrital de Lisboa / gijpcardoso@gmail.com

Filipa Santos / Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra / filipa.amado1@gmail.com

RESUMO

Em 2012 foi realizada uma intervenção de cariz preventivo no adro da igreja de Nossa Senhora da Salvação, em Arruda dos Vinhos. Foram reveladas sepulturas em caixa delimitadas por ortóstatos, cobertas ou não por lajes, e em covacho, em níveis sobrepostos. A necrópole situa-se cronologicamente nos períodos Medieval e Moderno, entre os séculos XIV e XVI. Exumaram-se 80 indivíduos provenientes de inumações primárias – 41 adultos (16 do sexo feminino e 18 do masculino) e 39 não-adultos, bem como milhares de ossos desarticulados. A arqueologia e a antropologia funerária permitirão a abordagem sobre o mundo dos mortos, dando a conhecer as concepções mentais ante a morte desta comunidade. A reconstituição da vida deste grupo será revelada a partir da análise paleobiológica.

ABSTRACT

In 2012, a preventive intervention was carried out at the churchyard of Nossa Senhora da Assunção, in Arruda dos Vinhos. Several graves were identified, delimited by orthostats, covered or not by various slabs and also in pits, in multiple overlapping levels. The necropolis discovered belongs to the Medieval and Modern periods, between the fourteenth and sixteenth centuries. Eighty individuals were exhumed from primary burials – 41 adults (16 females and 18 males) and 39 non-adults, as well as thousands of disarticulated bones. The archaeology and funerary anthropology will allow a better understanding of the world of the dead, providing information about this community's mental conceptions of death. Through the paleobiological analysis of the remains recovered, it will be possible to reconstruct the life of these individuals.

INTRODUÇÃO

Entre Março e Julho de 2012 foi realizada uma intervenção arqueológica de cariz preventivo no adro da igreja de Nossa Senhora da Salvação, em Arruda dos Vinhos, sob a responsabilidade científica de dois dos signatários (NAF e GC).

Pretende-se apresentar os principais informes sobre esta necrópole e os indivíduos exumados. A arqueologia e a bioantropologia ao estudar a organização espacial da necrópole, as sepulturas, o espólio e os esqueletos pretendem reconstituir a vida e a morte das populações pretéritas. Com efeito, a combinação de conhecimentos e competências destas disciplinas é imprescindível para a reconstituição do que foi a população viva que utilizava a necrópole e reconhecer o modo como esta exprimia a sua relação com a morte. A análise do esqueleto providencia duas abordagens comple-

mentares e interdependentes: a do mundo dos mortos e a do mundo dos vivos. Na primeira, pretende conhecer-se os gestos e práticas funerários e os conjuntos sepulcrais, de maneira a se poderem tecer ilações sobre as concepções mentais da comunidade ante a morte e, deste modo, perceber os discursos, representações e o processo de transformação nas atitudes relativas à morte. Em relação à segunda, pretende-se a reconstrução da vida da paleopopulação, são analisadas a sua demografia, morfologia e patologia. Deste modo compete ao esqueleto a função de “fazer a ponte” entre as abordagens, providenciando uma valiosíssima fonte de informação sobre a cultura e a biologia.

A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Na sequência dos trabalhos inseridos no projecto de reabilitação e requalificação dos arruamentos de

Arruda dos Vinhos, os quais abrangiam, entre outras, a Rua do Adro, junto à igreja Matriz de Nossa Senhora da Salvação (IIP, Decreto nº 33587, DG, I Série, n.º 63, de 27-03-1944), foi solicitado pela Câmara Municipal o devido acompanhamento arqueológico. Foi projectado para aquele local a colocação de manilhas de esgoto pluvial e doméstico e a construção de uma conduta técnica. A proximidade ao edifício levantou a suspeita que naquela área poderiam existir sepulturas, pelo que se realizaram, numa primeira fase, sondagens mecânicas, as quais colocaram a descoberto imediatamente abaixo da calçada restos osteológicos. Para além disso, as descrições feitas por Tito de Bourbon e Noronha (1944) referem que durante os trabalhos de construção das antigas condutas de esgoto junto à igreja apareceram “*restos de construções, colunas truncadas, capitéis trabalhados, grossas telhas e tijolos de formas e tamanhos vários, um anel cortado em um osso tendo incrustado um lindo e bem trabalhado camafeu em pedra escura, representando uma cabeça feminina*”.

Os trabalhos arqueológicos limitaram-se ao traçado da obra devido a condicionamentos como: tempo, custos e segurança dos moradores. O excelente diálogo entre os serviços camarários e o empreiteiro da obra permitiu minimizar diversos impactos negativos.

Após as sondagens realizadas na envoltória do adro e no lado norte da igreja, procedeu-se à abertura de duas áreas perpendiculares que ocuparam um espaço com cerca de 53 m², entre o antigo edifício da cadeia e a igreja.

A escavação foi realizada em extensão procurando individualizar cada moimento, de modo a entender a complexidade deste tipo de necrópoles urbanas da baixa Idade Média, com grandes revolvimentos devido aos sucessivos enterramentos praticados em áreas diminutas.

As primitivas sepulturas encontravam-se abertas no substrato geológico, encontrando-se algumas delas sobre os vestígios de um piso do período romano. No canto sudeste da intervenção, onde o desnível entre a superfície e as camadas mais profundas era maior, as sepulturas apinhavam-se umas sobre as outras até à camada onde assentava a calçada dos finais do século XIX que atapetava a rua. Foram estas condições de depósito que levaram à quase total destruição dos vestígios de antigas construções, mas, no meio das terras revolvidas, aquando da edificação dos moimentos, foram retirados objectos que permitiram caracterizar as diversas ocupações do sítio ao longo

dos tempos e reconstituir um pouco da história daquele espaço. Algumas lascas de sílex e de quartzo que foram recolhidas entre moimentos são vestígios de talhe do Neolítico/Calcolítico, não se encontrando qualquer fragmento de cerâmica que nos possibilitasse clarificar com precisão o período correcto.

Das camadas mais profundas em contacto com o substrato geológico ou em estratos de revolvimento provêm fragmentos de cerâmicas de feitura manual e cinzentas finas de bordos de secção em voluta características de uma população indígena do final da 2ª Idade do Ferro. Pelo tipo de cerâmica e formas pode dizer-se que as mais antigas são do século II a.C. e as mais recentes dos finais do século I a.C.

Por todo o vale do rio Grande da Pipa existem vestígios da época Romana. O sítio da vila de Arruda dos Vinhos só vem confirmar a realidade e a importância desta região de passagem entre o Tejo e o mar a norte de *Olisipo*.

Os primeiros vestígios encontrados na área da escavação datam ainda do período Republicano Romano, sendo notório a importância que deteve durante os principados de Augusto e Tibério durante os inícios do Alto Império.

Para além dos fragmentos de telhas, tijolos, louças e raros artefactos de ferro, encontraram-se restos de um tanque e um piso de terra batida de uma possível habitação que não foi possível reconstituir devido ao limitado espaço da escavação e às destruições a que estiveram sujeitas as suas edificações nos séculos seguintes ao seu abandono. O fragmento de uma inscrição (Encarnação, 2012), um fragmento de fuste de coluna de lioz de nervuras róseas, provavelmente oriundo das pedreiras de Figueiredo (Runa) e vidros de janela, evidenciam as posses económicas do seu proprietário. No serviço de mesa utilizavam louças finas originárias da Península Itálica, da Tarraconense e do norte de África. Os raros fragmentos de ânforas recolhidos indicam que parte do vinho tinha origem na Península Itálica, o azeite na Bética e os preparados piscícolas provinham do estuário do Tejo.

Algumas intrusões verificadas nos estratos mais profundos evidenciam uma característica comum no mundo tardio visigodo: o rebaixamento dos pisos de habitação. As cerâmicas eram na sua maioria de produção à roda lenta, cozidas em ambiente redutor e com raras decorações incisas.

Embora raros, os vestígios da época da ocupação Islâmica existem em Arruda dos Vinhos. São constituídos por pequenos fragmentos de cerâmica, de

pastas duras, cozeduras redutoras e oxidantes, onde aparecem vestígios de decoração pintada. Os fragmentos de telhas apresentam-se, na maioria dos casos, mais finas e, algumas, ostentam decoração incisa em SSS.

Em suma, a intervenção arqueológica possibilitou identificar e caracterizar uma necrópole de época Medieval e Moderna, bem como ocupação do sítio durante a Pré-história e épocas Romana, Tardo-romana e Islâmica.

O MUNDO DOS MORTOS

O local de inumação

O local onde o defunto seria sepultado era extremamente relevante, todos deveriam ser inumados em solo sagrado de modo a garantir a Salvação da sua alma. A escolha da área específica dependia do estatuto socioeconómico do indivíduo: os ricos eram sepultados nas igrejas mais importantes, e nestas usavam o seu interior, onde possuíam túmulos familiares, enquanto a esmagadora maioria da população, teria de se contentar com o adro, solo sagrado devido à sua proximidade com a igreja e por ter sido benzido, bem menos oneroso, mas também bem menos apetecível por se encontrar mais distante do altar. A morte não é afinal a grande “niveladora”, é verdade que todos os seres humanos morrem, mas há grandes diferenças no tratamento do falecido, as hierarquias sociais que existem em vida são transpostas para a sepultura.

A escavação de parte do adro da igreja revelou que este foi intensivamente reutilizado durante séculos. Na organização deste espaço limitado ocorreram três tipos de situações: (1) os sepultamentos mais recentes eram colocados directamente sobre os mais antigos, ocorrendo sobreposição de indivíduos, (2) o esqueleto do ocupante mais antigo da sepultura era desarticulado – ou parcialmente desarticulado (Fig. 1) – e afastado para um dos extremos da sepultura, providenciando-se espaço para uma nova inumação e (3) os ossos eram removidos das sepulturas e colocados em ossários.

Sepulturas e organização espacial da necrópole

Foram identificadas sepulturas em caixa delimitadas por ortóstatos, cobertas ou não por lajes (Fig. 2), e em covacho, em níveis sobrepostos. Inicialmente os moimentos eram abertos no substrato margoso remexendo as camadas arqueológicas de antigas

ocupações antrópicas do local. Em dois casos podemos estar em presença de antigos rituais anteriores ao século XV, verificando-se numa abertura de um encaixe para a cabeça e noutra, contigua à anterior, com o crânio entre duas pequenas lajes (Fig. 3) de modo a manter a cabeça, evitando que resvasse lateralmente após a degradação dos tecidos moles do pescoço. Muitas das sepulturas eram delimitadas por esteios laterais colocados em cutelo, característica que era habitual no *ager olisiponensis* desde o século III d. C. e que se manteve até à segunda metade do século XVI. A área do campo santo deveria ser muito reduzida, obrigando a sucessivos enteramentos no mesmo ponto, fundamentalmente os que se encontravam mais próximos do templo. Por volta dos finais do século XV inícios do seguinte, ocorreram diversas remodelações e certamente um aumento da área da igreja matriz, resultando que alguma da terra que se retirou para os caboucos do templo foi colocada sobre a área das sepulturas que se encontravam no lado oriental da rua do Adro, possibilitando a subida da cota para nivelamento do terreno e que se colocassem novos moimentos sobre os mais antigos sem os voltar a remexer.

Características das inumações

Os defuntos eram depositados na sepultura em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e as mãos, normalmente, sobre a região abdominal. Foram identificados poucos casos em que os membros superiores se encontravam noutra posição (estendidos paralelamente ao corpo ou cruzados sobre o peito). A cabeça estava de frente, olhando para o céu. A orientação era a Este-Oeste, estando o indivíduo virado (cabeça) para Este, ou seja, para Jerusalém Celeste, aguardando pelo dia do Juízo Final. Foi identificado um único sepultamento que não seguia estas normas (Fig. 4).

Espólio

Os alfinetes de liga de cobre foram as peças encontradas com maior frequência. Estas serviriam para prender o sudário (excepto dois deles de maiores dimensões decorados com fio de prata enrolado e coberto por folha de ouro e que se estavam associados a um crânio de um indivíduo adulto). Foram igualmente recolhidas duas agulhetas de cordão, em sepulturas diferentes, o que nos leva a supor que teriam sido utilizadas para prender peças de roupa. Em algumas sepulturas encontraram-se moedas (Fig. 5) junto aos

esqueletos ou nas falanges das mãos, o que indicia que foram colocadas nas mãos dos cadáveres antes de este serem sepultados. Este costume tem origem na Grécia, os Romanos adoptaram esse costume que trouxeram para a Lusitânia. Com o aparecimento do cristianismo manteve-se o hábito, perdendo-se lentamente a razão de tal uso pela população que o praticava. No século XVI a tradição mantinha-se por todo o país embora o povo tenha perdido a noção das razões de tal costume, ao nível cultural era bem patente o seu conhecimento como podemos ver no caso da trilogia do Auto das Barcas de Gil Vicente. O primeiro auto é o da Barca do Inferno que leva à cena em 1517, no Hospital de Todos-os-Santos em Lisboa. No ano seguinte é representado o Auto da Barca do Purgatório, e, em 1519, o Auto da Barca da Glória que é estreado em Almeirim perante D. Manuel I. Além dos Diabos e Anjos, este auto conta com a presença da Morte que vai trazendo consigo os remadores celestiais. Nele a Morte representa Caronte que faz a passagem das almas dos que morrem para o Inferno, para o Purgatório ou para o Céu.

No Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, foram excluídas muitas das tradições praticadas pelos cristãos, o que nos leva a pensar que terá sido nesta época que foram proibidas as práticas de se sepultarem defuntos em moimentos com esteios e o costume de colocar na mão ou junto aos corpos, moedas, embora tal não tenha sido erradicado por completo pois ainda tomámos conhecimento da prática de colocar uma moeda no caixão, no concelho de Cascais, durante os finais do século XX.

Relativamente a objectos de cariz religioso foram identificadas contas de osso e missangas de vidro na sepultura 10, que terão pertencido eventualmente a um terço, tendo sido a única sepultura que fornece este tipo de material.

O MUNDO DOS VIVOS

O número de esqueletos articulados/parcialmente articulados perfaz 80 indivíduos. Os milhares de ossos provenientes das reduções ósseas encontradas nas sepulturas e dos ossários aumentarão largamente o número de indivíduos exumados. Os resultados que se apresentam referem-se à análise antropobiológica efectuada para as inumações primárias.

Examinaram-se o perfil biológico (Buikstra & Ubelaker, 1994; Scheuer & Black, 2000; White & alii, 2012) de cada indivíduo e as principais patologias com ex-

pressividade nos tecidos duros (Buikstra & Ubelaker, 1994; Ubelaker, 1989; White & alii, 2012).

Foram exumados 41 adultos e 39 não-adultos, registando-se fetos, bebés com menos de 1 ano, crianças, adolescentes, adultos jovens, adultos maduros e idosos. Constata-se a predominância de crianças com menos de 3 anos e de adultos jovens (18-25 anos). A estimativa sexual realizada para os indivíduos adultos permitiu identificar 16 mulheres e 18 homens. No cálculo da estatura a mulher mais baixa mediria cerca de 1,42 m e a mais alta 1,51 m, quanto aos homens a estatura mais baixa seria de aproximadamente 1,51 m e a mais alta 1,65 m.

O estudo patológico encerra algumas limitações que convém esclarecer: geralmente o esqueleto é o último sistema corporal a ser afectado; numerosas enfermidades não causam sinais visíveis sobre o osso, assim como as que deixam podem induzir reacções ósseas muito similares, tornando-se complicado discernir sobre qual é especificamente a doença que as estimulou; as condições patológicas agudas ou acidentes fatais não se manifestam, sendo sobretudo as doenças crónicas que eventualmente produzem sinais macroscópicos; a própria natureza do tecido ósseo caracterizada por uma resposta limitada a uma condição anómala dificulta o diagnóstico das lesões do esqueleto. E finalmente, a causa de morte do indivíduo raramente pode ser deliberada.

Na patologia oral registaram-se um elevado número de indivíduos com cáries e desgaste acentuado das superfícies oclusais (zona contacto dente com dente e alimentos). Esta última situação foi inclusivamente identificada nos dentes-de-leite de crianças com 4-5 anos. Embora o exame antropobiológico seja ainda preliminar, estes dados apontam para uma dieta rica em alimentos cariogénicos (batata, pão e.g.) contendo elementos duros e abrasivos (farinha mal triturada e/ou com micropartículas pétreas da mó e.g.). Na patologia degenerativa identificaram-se vários indivíduos com osteoartrose e lesões da *enthesis*. Nas condições infecciosas também se registaram algumas situações como a periostite que afecta sobretudo as tíbias. Nos traumatismos físicos observaram-se vários indivíduos com fracturas, algumas bem consolidadas, mas outras indicando a ausência de tratamento médico na sua redução. Identificaram-se duas possíveis situações de doença de Perthes, uma patologia do foro circulatório. Por fim, destacam-se as crianças que praticamente não exibem lesões patológicas, sugerindo que faleceram devido a doenças

agudas. Efectivamente na era anterior aos antibióticos e vacinas a mortalidade infantil era elevadíssima, sendo as principais causas de morte os problemas respiratórios agudos (broncopneumonia e.g.) e as gastroenterites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área intervencionada corresponde ao adro da igreja de Nossa Senhora da Salvação, tendo sido utilizado como cemitério durante, pelo menos, os séculos XIV e XVI, havendo hipóteses de ter começado um pouco antes e de se ter prolongado até aos inícios do século XVII. O tipo de organização da necrópole insere-se na cultura autóctone que já foi registada em várias necrópoles de adros da Baixa Estremadura. Foram identificados 80 indivíduos provenientes de inumações primárias e milhares de ossos desarticulados, tendo sido registados indivíduos de ambos os sexos e de praticamente todas as classes etárias, ocorrendo uma predominância de indivíduos não-adultos. Para além do perfil biológico dos indivíduos exumados, procurou-se conhecer as patologias com expressividade no esqueleto que afligiram estes indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

BOURBON e NORONHA, Tito de (1944) – Arruda dos Vinhos: notas históricas e arqueológicas. *Estremadura*. Lisboa. 2ª Série. 5, pp. 29-34.

BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas (1994) – Standards for data collection from human skeletal remains. *Arkansas Archaeological Survey Research*. Arkansas. Series No. 44, pp.1-206.

CARDOSO, Guilherme (2006) – Estelas do concelho de Cascais. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Suplemento 3, pp. 571-595.

ENCARNAÇÃO, José d' (2012) – Fragmento de inscrição funerária de Arruda dos Vinhos (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico* 101, inscrição nº 449.

LEMOS, Francisco Sande; MARCOS, Domingos (1985) – A necrópole Medieval de Vila dos Sinos – Mogadouro segunda campanha de escavações – 1982. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 2, pp.127-146.

SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2000) – *Developmental juvenile osteology*. London: Academic Press.

UBELAKER, Douglas (1989) – *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington: Taraxacum Washington.

WHITE, Tim; BLACK, Michael; FOLKENS, Peter (2012) – *Human Osteology*. San Diego: Elsevier, Academic Press.



Figura 1 – O sepultamento do indivíduo que caracteriza a inumação 3 perturbou o enterramento 2, provocando a desarticulação dos ossos do lado esquerdo.



Figura 2 – Tampa da sepultura 8.



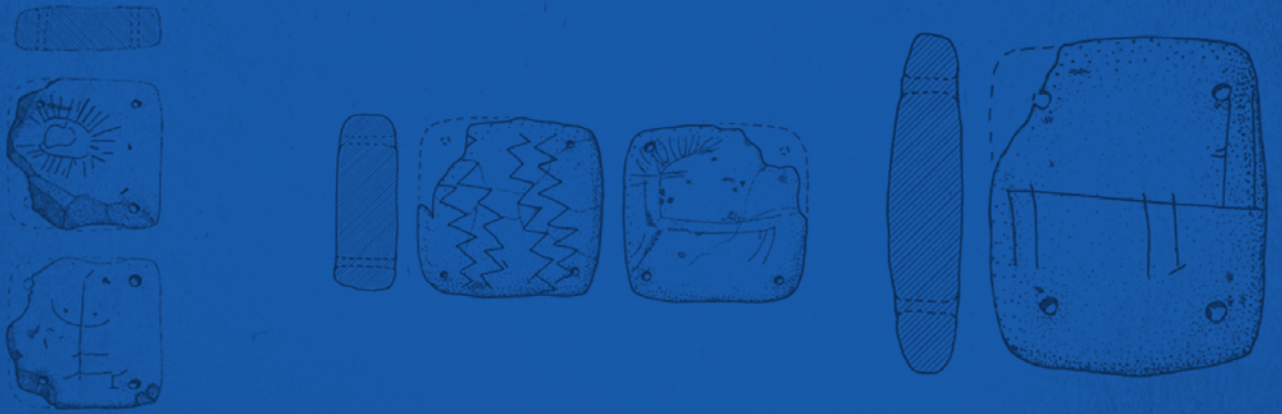
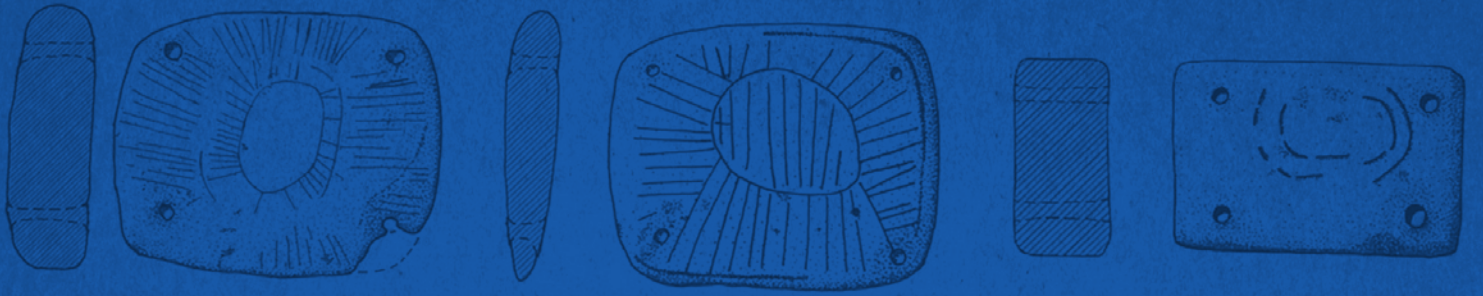
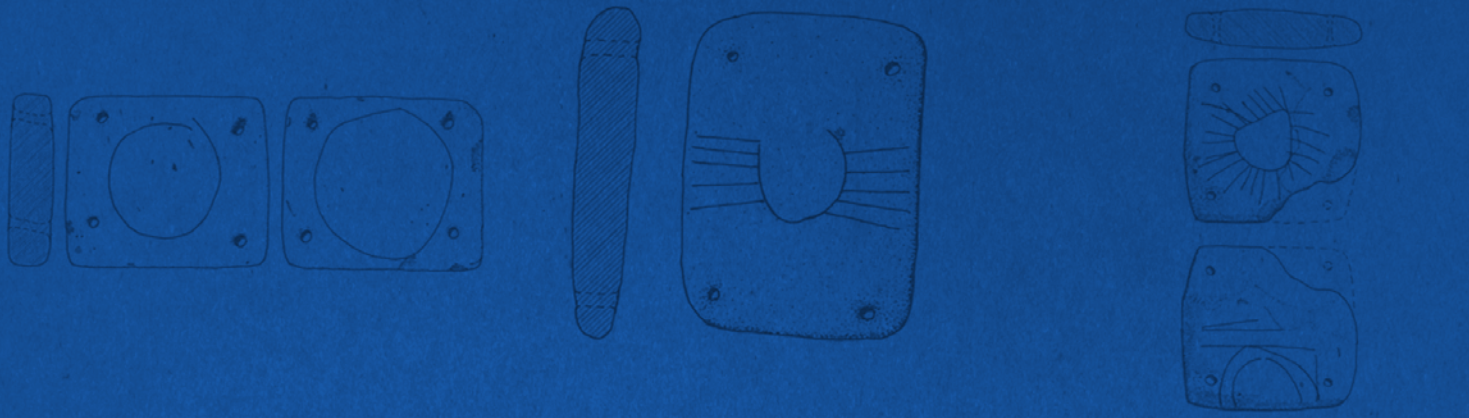
Figura 3 – Crânio do indivíduo da sepultura 34 ladeado por lajes.



Figura 4 – Esqueleto de indivíduo não-adulto depositado, em cova sem estruturas delimitadoras, numa posição incomum.



Figura 5 – Moedas recolhidas entre as falanges das mãos do indivíduo adulto da sepultura 39.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua